



A ALEGRIA PASCAL



Alfredo Barbieri*

Alegria! A esta difícil atitude de vida somos chamados pela Páscoa. Talvez fosse custoso passarmos a Sexta-Feira Santa numa disposição de luto, apesar de realidades boas e alegres ao redor de nós; mais custoso, porém, é nos alegrar na Páscoa, apesar das preocupações e sofrimentos que constituem o nosso ambiente vivencial.

Isso exige de nós alto grau de interesse e de fé. Tanto mais, porque esta alegria pascal não é o prazer, por exemplo, de carnaval; uma disposição em que nos esquecemos de muitas coisas ou as queremos ver, apenas, sob o aspecto alegre. A alegria pascal é límpida. Ousa encarar tudo, até mesmo a morte, porque esta alegria é motivada pela vida de Jesus no além morte. "Morte onde está o teu agulhão? (1 Cor 15,55).

Característica própria dessa alegria é, além disso, a sua conexão com a remissão dos pecados. O Batismo -ou, o segundo batismo, isto é, a confissão sacramental- trouxe aos presentes, o perdão de Jesus. "Se em algum lugar do mundo, há alegria, é certamente a de um homem de coração puro".

A alegria que é dada na Páscoa é a mais pura que existe neste mundo. Para dar-lhe expressão, em certa medida, Jesus a comparou à mãe, logo depois de esta ter dado à luz o filho (Jo 16,21). A alegria é um dos frutos do Espírito Santo. Relaciona-se, pois, com o suave sopro de Jesus sobre os Apóstolos, no dia de Páscoa. Ela é o sinal de sua presença no meio de nós, da mesma forma que seu batismo, sua palavra e sua Eucaristia.

Como os outros dons do Espírito Santo, a alegria pascal não aniquila as coisas comuns, mas leva-as à consumação.

Por isso, todas as influências em nossa disposição de espírito ajudarão a determinar essa experiência interior. O cerne, porém, é uma paz, cuja fonte é o próprio Ressuscitado: "Deixo-vos a minha paz... Dou-vos a minha paz, não como o mundo a dá" (Jo 14,27)". Mesmo na dor, na perplexidade, na angústia, e mesmo quando nos sentimos abandonados por Deus, permanece no fundo do espírito um núcleo de paz e segurança. "E ninguém vos tirará a vossa alegria" (Jo. 16,22).

Quando vivemos nossa Semana Santa, santamente, quando fazemos desta semana uma parada para reflexão, uma descida ao nosso interior, uma revisão de vida, uma morte para tudo que nos afasta do reto caminho, enfim, quando morremos com Cristo, participamos então das alegrias e glória da ressurreição e essa nossa alegria é verdadeira, começa no tempo, e se fixa na eternidade. Só nos compete rezar com a

Igreja: "Ó Deus, que Vos dignastes alegrar o mundo com a Ressurreição de vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, concedei-nos, que por sua santa Mãe, a Virgem Maria, alcancemos inefáveis gozos da vida eterna. Amém".

À grande Família Ibateana: Votos de Santa e Feliz Páscoa. "HODIE EST DIES QUAM DOMINUS FECIT NOBIS. EXULTEM

VIDA, ALEGRIA, UNIÃO, FRATERNIDADE, ECHUS, XIII ENCONTRO. Somos felizes e sabemos.



(*) Alfredo Barbieri, 85 (49/53) - É Professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras. Alfredo_barbieri@hotmail.com



"A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa. Quando se vê, já são seis horas. Quando se vê, já é sexta-feira. Quando se vê, já é Natal. Quando se vê, já terminou o ano. Quando se vê, já perdemos o amor de nossa vida. Quando se vê... já passaram 50 anos".

Obrigado, Mário Quintana, por me deixar roubar suas inspiradas considerações sobre a brevidade da vida. Gostaria de possuir metade de seu estro poético e filosófico para contemplar esses 50 anos de padre que Deus e os seus representantes me deixaram alcançar. Com certeza, Deus me deixou viver tanto, na esperança de me converter e me tornar melhor. Mas, qual! Pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto. Ou, como postou nas redes sociais, certo "psiquiatra" da Cúria Diocesana de Piracicaba, escandalizado com um dos meus artigos: "há quem duvide que o acúmulo dos anos tenha trazido certa senilidade intelectual" ao Pe. Otto. Pena que não assinou.

Quando me perguntam como é que me sinto aos 50 anos de padre e aos 78 anos de idade... não me sinto com tantos anos. Aliás, a psicanálise acredita que no inconsciente não há tempo... Somos eternamente seres em construção, seres se fazendo seja com oito anos, seja com oitenta e oito, ou cento e oito. A desconstrução se opera apenas no nível orgânico. Pergunte-se a Matusalém se ele com 969 anos de idade, se sentia velho.

O que nos faz diferentes aos 50 anos de padre e aos 78 anos de idade é a maneira preconceituosa com que os outros nos tratam, ou de tratam ou maltratam. É a maneira como, levados pelo sentir e agir na sociedade, o idoso interioriza o estereótipo do velho: inútil, inconveniente, sempre espiando o fim. Agora por exemplo,

quanto ao planejar o que resta da vida: planejar para daqui a dez anos?! Capaz! Agora é tudo a curtíssimo prazo. Em que cova vou estar daqui a dez anos?! Gostaria de deixar o número dela para os amigos jogarem no bicho.

Divertido mesmo, a esta altura da vida, é degustar os álbuns e fotos avulsas desde a tenra idade. É um momento raro de humor, as gargalhadas. Todo álbum é um a caixa de risos e de gargalhadas: as roupas, o penteado, a pose, o modelo do carro ou montaria. E mais: poder rir, sem se culpar, de algumas folices dos papas, muito mais ainda dos bispos e, dos padres nem se fala. Dos políticos... cruz credo!

Nestes 50 anos de padre sobrevivi a 5 bispos bem próximos: Dom Gregório Warmeling, de Joinville, Dom Aníger, Dom Eduardo, Dom Vitti e Dom Fernando, da Diocese de Piracicaba. Sem contar a CNBB, a Nunciatura, a Cúria Romana. De uma forma ou de outra, todos eles influenciaram a minha perseverança e teimosia no sacerdócio. Ou pela compreensão, ou pelos confrontos, ou pelo apoio, ou pela tolerância. Afinal, depois de certa idade, Dom Eduardo situava após os 60 anos, estamos isentos da opressão da autocensura, ou da cooptação dos outros! Já não se deixa tropeçar em báculos, mitras, anéis e estatutos. Vai-se em frente com seu carisma, na satisfação de escutar o barulho dos passos do povo a caminhar ao lado.

Vejo-me retrocedendo na memória no caminho percorrido na saga dos seminários: Aparecida do Norte, São Roque, Aparecida de novo, Central do Ipiranga, Curitiba, Piracicaba. A partir daí a prática ministerial: as paróquias de Analândia e Corumbataí, Santa Terezinha, Catedral de Piracicaba, Sant'Ana de Rio Claro.

Em 2005 a grande ruptura: depois de mais de 35 anos como cura da Catedral, a bomba da transferência para outra paróquia, em outra cidade. Um Bispo de congregação religiosa veio implantar um regimento de convento ao clero diocesano. Mas sobrevivi também a este furação. E me pus a pensar: por que será que o Vaticano e a Cosa Nostra distinguem alguns dos seus capos com o mesmo título? (Dom?!)

Ainda, um tributo especial à Universidade (UNESP) na qual trabalhei como professor e chefe de departamento de Filosofia durante boa parte de minha vida, conciliando sacerdócio e vida profissional, ministério e magistério. Foi o trabalho e o contato com a Universidade que me possibilitaram um conceito de prática religiosa bem concreto, vinculando as coisas do além com as coisas daqui.

Sem mais delongas, aos 50 anos de padre, ousou rejubilar-me em ouro, mesmo que não seja ouro 24 quilates. Um jubileu de Pirita, o ouro-de-tolo, já é gratificante!



(*) Pe. Otto Dana, 78 (54/58)- Ordenação Presbiteral em 19.03.1967. Pároco Emérito da Igreja Sant'Ana em Rio Claro-SP, Diocese de Piracicaba. otto.dana@gmail.com

Sit tibi lux Felix!

José Moreira de Souza*



Era o mês de dezembro de 1993. Deixamos Belo Horizonte num ônibus Mercedes monobloco daqueles que eram topo de linha dos anos de 1960. Acampamos no Largo dos Mendes em São Roque e seguimos em caravana até as "Colinas do Ibaté". Foguetório e bandas de música nos saudaram. Em frente à estátua de São José, nosso orador oficial, Alfredo Barbieri, proferiu o discurso de saudação. Em seguida, café da manhã, e solene procissão até a capela do Imaculado Coração de Maria.

Celebramos o perdão. Era necessário. Quase cinquenta anos de lembranças poderiam ter contaminado as mentes de ressentimentos:

- Lembra-se que você me deu uma canelada no futebol?
- Você se esqueceu de que eu fui seu amigo particular?
- Tinha inveja de você que era sempre o primeiro lugar em minha turma.
- Você mudou muito... Como está gordo.

O refrão do perdão abriu- nos para um novo mundo de sonhos e utopias:

- Dai-nos, Senhor o Teu Sorriso.

Após o almoço, eis novamente, Barbieri proferindo o discurso mais adequado ao encontro. No mais belíssimo e inspirado latim macarrônico, Alfredo carnavalizou o primeiro encontro dos ex-alunos do Ibaté. Pôs-nos a brincar o "ontem e o hoje" "**Heri e Hodie**".

Ah! Latim.

Nos anos sessenta, o latim foi abolido das aulas do ginasial. Foi também abolido das celebrações litúrgicas. De um lado, em nome da modernização, retirou-se das escolas seu ensino. Da parte eclesiástica, cultivar a aprendizagem do latim tornou-se estigma de conservadorismo. Nem se pensou que com o abandono do latim excluía-se séculos de civilização com todas as suas sequelas de violência, dominação e uso da clemência. I see more a town. Viva para sempre Clóvis Barone.

Não sei como isto se deu no Seminário de São Roque e gostaria de ouvir nossos companheiros que cursaram o seminário menor depois do ano de 1966, porque, como já depus, até essa data, conforme registrou nosso companheiro Antônio Carlos-Careca- o padre Jair se responsabilizava pela disseminação da aprendizagem dos verbos irregulares do latim, martelando na cabecinha das crianças. Sei, porém, que grande maioria do clero passou a desconhecer qualquer rudimento dessa língua.

Alfredo Barbieri deu-nos o maior brinde. Latim macarrônico é caminho para glorificar nossas prendas. "Heri, juvenis; hodie, senex. Cras? Heri craques in ludopedia, hodie, arrastantes cum bengala."

Vieram-me à memória nossos exercícios ludopédicos, manopédicos e imaginopédicos de domínio do latim. Getulino divulgando na leitura do refeitório a obra prima: "Piscis

tartaruaque"; Paulo Acácio catilinando o Beta na "Oratio prima in Betam" e até Waldemar Faria barbarizando ensaios de grego macarrônico com a expressão: "Bakeria in té kefalé" versão suberudita do vulgar "Guatambu na ideia".

Ah! O latim. Brincar de dizer *in latina essentia* era preparação espontânea para as aulas de filosofia e teologia, oportunidade em que ingressaríamos no mundo dos Morandini, dos Dezza, dos Calcagno, dos Hoenen, dos Boyer. Todos S. J. da Pontifícia Universidade Gregoriana. Puro engano, quando ingressamos no Seminário Central Filosófico de Aparecida, os tratados eram em latim, mas as aulas em português. Permaneciam os textos, as lições do *Liber Usualis* e as provas cujas teses deveriam ser respondidas em latim. Nem mesmo os *Examina de Universa* que, hoje se chamam "Qualify" nos doutorados pediam respostas em latim.

Era uma civilização em decadência.

Como mineiro, eu lamento. Devo esquecer o velho ditado que orientou as pesquisas do musicólogo alemão Franz Curt Lange: "Mineiro sabe duas coisas: Música e Latim". Logo vem-me à mente esses diálogo de Maquiavel na comédia *A mandrágora*.

O diálogo entre Calímaco e Messer Nícia é saboroso.

Calímaco - Da cá. Oh! Esta urina denota fraqueza dos rins.

Messer Nícia - Realmente, parece-me um pouco turva. Contudo, é fresquíssima: fê-la agora.

Calímaco - Não há de que admirar-se. Nam mulieris urinae sunt semper maiores grossitie et albedinis, et minoris puchritudinis, quam virorum. Huius autem, in caetera, causa est amplitudo canalium, mixtio eorum quae ex matrice exeunt cum urina.

Messer Nícia - Oh! Uh! Cona de São Púcio! Encheu-me as medidas, sim, senhor! Como raciocina bem destas coisas!

Deixo a Itália ilustrada do Renascimento e parto para as Minas Gerais do Século XIX. Joaquim Felício dos Santos (1822-1895), irmão do primeiro bispo de Diamantina, escreveu a obra *Páginas da História do Brasil escritas no ano 2000*. Nessa obra publicada em folhetins do jornal *O Jequitinhonha* nos anos de 1869 ele narra um balé imperial em louvor às glórias de Dom Pedro II - Tem coisas da bênção do Santíssimo Sacramento nesse latim:

Hic Republicas domavit
Presidentes decoravit
De Yankeesis zombavit

"Si tu es Petrus Magnus



JOAQUIM FELICIO

*Hoc dicant uruguaiani,
Si tu es Petrus Augustus
Hoc dicat Ituani".*

Sobre Caxias, a paródia canta:

*"Dux Caxias Major est
Quam fama Napoleonis,
Gloria magni Alexandris
Virtus quoque Scipionis".*

*Sicut Sansonius in corde
Dalilarum semper habitas:
Utque Mars dum bella geruntur
In Veneris collo dormitas*

*Sicut vidua Scarronis
Alisas jubam leonis.*

Latim como Folclore

Estudar e cultivar latim, sob esse aspecto, tornou-se folclore, no sentido em que entendo o emprego dessa palavra. Seu estudo e cultivo ficaram reservados aos herdeiros particulares e até clandestinos.

Tenho em mãos algumas obras que corroboram minha afirmação.

José Paulo Paes, eminente formador de alunos dos cursos de Serviço Social, afirma ter estudado latim no ginásio de Araçatuba e, eis que se apaixonou e decide traduzir e publicar em edição bilíngue a obra *Poemas da Carne e do Exílio* de Ovídio, o *Cântico dos Cânticos* dos latinos.

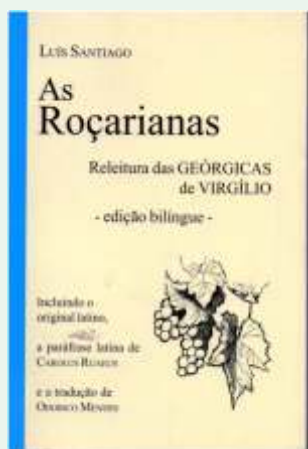
*Haec quia dulce canit flectique facillima
uocem,;*

Oscula cantanti rapta dedisse uelim.

O que mais me emociona são os feitos de meu amigo, Luís Santiago. O danado do menino abandonou os bancos escolares no início do ginásio, quando nem mais se falava a palavra latim. Porém a biblioteca de um tio o perverteu. Resultado, leu as *Geórgicas* de Virgílio. Não contente, correu atrás da paráfrase "ad usum Delphinem" de Carolus Ruæus; ainda insatisfeito, buscou a tradução do baiano Odorico Mendes, publicada em meados do século XIX, e publicou por conta própria uma obra impar com o título de *As Roçarianas* em que inclui o original latino, a paráfrase de Carolus Ruæus, a tradução de Odorico Mendes e reescreve em versos conferindo títulos apropriados a cada parte em que interpreta as *Geórgicas*. Para completar, reserva mais de cem páginas de comentário a cada decisão tomada.

Após ler essa obra de Luís Santiago eu me convenci de sua importância para estudo nos bancos de estudos universitários das áreas de Agronomia, Veterinária, Economia e Ciências Sociais.

Mas, há um feito mais do que



Luís Santiago

emblemático. É narrado na obra que foi objeto de minha conversa na edição anterior de nosso ECHUS. Refiro-me à obra de J.D.Vital sobre a "Revoada dos Anjos". Imagino, a meninada que estudou tanto latim nos anos de seminário, obrigada a ouvir aulas em latim nos cursos de Filosofia e Teologia, escrever em latim e, em dado momento, obedecer à ordem "Calem-se para sempre". Ouço a lamentação de Gonçalves dias no poema "Marabá":

*E as doces palavras que eu tinha cá dentro,
A quem nas direi?*

Vejo como protesto os feitos de Belchior Cornélio da Silva. Esse ex-aluno do Seminário Maior de Mariana matriculou-se no pós-doutorado em Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e nisso decidiu elaborar como tese a tradução para o latim de 52 poemas de Carlos Drummond de Andrade. Deu à tese o título de *Carmina Drummondiana*. O resultado foi quase trágico. Não havia professores capazes de compor a banca. Tiveram de recorrer ao Mosteiro de São Bento e pedir socorro a Dom Estevão Bittencourt e velhos sacerdotes sem credencial acadêmica com notório saber.

Ler Drummond em latim agradou ao próprio Drummond:

*Media in via erat lapis
erat lapis media in via
erat lapis
media in via erat lapis.*

*Non erro unquam immemor illius eventus
Pervivi tam mihi in retinis defatigatis.*

*Non erro unquam immemor quod media in via
erat lapis
erat media in via*

media in via erat lapis.

Porém, o poema que mais me encanta como reminiscência dos anos de 1966. Ano de expulsão e das saias em meio às batinas é a "Quadrilha", "Bis gemina chorea"

*Iohannes ardebat Theresiam quae ardebat
Raymundum
qui ardebat Mariam quae ardebat Iochim
qui ardebat Lilim
quae ardebat neminem.
Iohannes ad Status Foederatus fecit iter,
Theresia ad claustrum,
Raymundus fatali obiit casu, Maria vitam
vixit virgo,*

*Iochim propria se interfecit manu atque Lilim sibi
iunxit J. Pinto Fernandes
qui fabellam non ingressus fuerat.*

As decisões do autor reforça o "quidquid recipitur" e confere um sabor especial a cada momento poético de Drummond. O amar em Mariana ardia, ardia, ardia. Apenas a Maria é reservada a virgindade "vitam vixit virgo".

Fica a pergunta, como nós do Ibaté *per modum recipientis* escreveríamos este poema para concluir que

*Depois de tantos combates
O anjo bom matou o anjo mau
E jogou seu corpo no rio. (???)*

(*) José Moreira de Souza, 76 (55/59) é Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira. zedeflora@gmail.com



Bem recentemente ao ler, em página do Caderno Dois no jornal Comarca de Garça, que publicava semanalmente um texto de meu livro "Contos de Amor e outros Contos", "Os filhos de dona Nair", borboleteou-me na mente a ideia de escrever uma crônica sobre Vida e Literatura. Pois constatei já na velhice que toda a minha vida profissional, por exemplo, no Senac (14 anos) e na Febem (21 anos), está registrada nas páginas de meu Diário, um verdadeiro canteiro de obras literárias, não necessariamente de obras primas.

"Os filhos de dona Nair" foi escrito em 1983 no meu penúltimo ano de Senac em profunda crise de transformação, e tratava das relações de trabalho de um departamento de pessoal da empresa Alcan Alumínios do Brasil onde trabalhei no final dos anos 1960. Dona Nair Huerta era uma gerente fidelíssima à organização, severa com os funcionários de seu departamento. Depois de atingir o auge na carreira profissional, ela de repente promovida a fim de ser removida. Ela nos tratava com rigor antigo, mas os tempos eram outros.

Meu primeiro grande emprego como técnico do Senac me inspirou dois romances no ano de 1984: o "Crônica dos Acontecimentos Escolares", tratando de um Centro de Formação Profissional na tentativa de se renovar e com recordações da escola à moda antiga; e o romance dialogado "Antes da posse...Depois da Eleição..." abordando a crise da Instituição de 1982 a 1984, logo após a derrota eleitoral do Presidente Papa Júnior e o advento de um novo. No segundo romance eu me torno muito simplesmente um dos personagens.

Demitido do Senac, fui trabalhar em janeiro de 1985 em Unidade da Febem, meu segundo e maior emprego, a respeito da qual, entre 1985 e 1989, escrevi três obras interessantes. Durante minha permanência no Núcleo Profissionalizante da Raposo fui rascunhando meu conto "Mestra de Filosofia" a tratar da difícil relação entre a Diretora, filósofa, e a equipe do Núcleo dividida em contra ou a favor dela. Consequência dessa crise foi a minha transferência para outro Núcleo, o que me agradou, pois era bem mais perto de casa.

No novo Núcleo, situado na Rodovia dos Imigrantes, entre a UE-2 para carentes e abandonados, e a UE-16 para meninas em conflito com a lei, sob direção mais democrática da Sílvia, vivi um tempo de muita inspiração nos curtos intervalos de almoço, quando me sentava à máquina de escrever e dava asas à minha imaginação. Ali fui fazendo registros de acontecimentos da rotina das Unidades

paralelamente a surpresas praticadas pela fantasia de crianças e adolescentes das Unidades e alguns da comunidade da Cidade Vargas.

Um dos bons resultados literários ali saídos de minha inspiração foi o livrinho "Festa de Páscoa (Uma história da Febem)", onde, da primeira à última páginas, conto pequenas histórias de verdade acontecidas naquele espaço com meninas (os), terminando com mensagem de destruição do existente para se iniciar uma nova era, a ser trazida talvez como semente na promulgação em 1990 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas o silêncio e a inspiração daquele ambiente me levaram também à análise de meu próprio passado.

Foi nos dias tranquilos do Núcleo Profissionalizante da Imigrantes que escrevi uma história baseada na crise maior de minha adolescência nos verdes silêncios do Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria no bairro do Ibaté no município de São Roque, sob a vigilância permanente do Morro Saboó entre os distantes anos de 1955 e 1959. Trata-se simplesmente do primeiro e maior conto do livro homônimo "Iniciação de um Menino Tímido", um dos livros mais cheios de imagens e mais bem escritos por mim.

Aconteceu em minha vida, naquele ano de 1987, enquanto datilografava dia a dia as páginas do Diário, uma verdadeira catarse, isto é, segundo o Dicionário Aurélio, "uma liberação de pensamentos e emoções que estavam reprimidos no inconsciente, seguindo-se alívio emocional". Exatamente isso. Dessa catarse brotou a história "Iniciação de um Menino Tímido" que começa com uma tempestade real, no caminho de volta de Aparecida a São Paulo para as férias de dezembro de 1954. Tempestade verdadeira e muito simbólica.

Simbólica porque significava para mim, percebi tempos depois, a passagem da infância serena em Aparecida para a adolescência conturbada de São Roque. Com catorze anos já completos eu era ainda uma criança inocente. Ao chegar, porém, naquelas férias em casa nova na Rua da Consolação (um sobrado onde conviviam de graça por necessidade várias famílias de patrícios imigrantes italianos) aos meus quinze anos, a crise moral se instalava em meu espírito e se prolongaria por toda a adolescência até os dezenove anos.

Os cinco anos de permanência no Seminário do Ibaté estão esculpidos a ferro e fogo nas páginas literariamente caprichadas, cheias de metáforas, desse livro onde se narra a luta difícil, permanente, hercúlea entre o ideal e a realidade, entre o vício e virtude, entre a vida e a morte,



sempre acompanhado de perto e orientado por meu Diretor Espiritual de então, o Pe. Pasqual Amato, de rosto gordo e óculos de aro, com o qual andava peripateticamente a sós durante o atendimento, e ao qual contava em confiança minhas derrotas e vitórias no mês.

Mas em 13 de maio de 1988 a realidade cruel me chamou de volta ao duro presente no mesmo Complexo da Imigrantes, onde fomos informados da demissão do companheiro Navarro, Presidente da ATF (Associação dos Trabalhadores da Febem) e logo em seguida dos outros da Diretoria entre os quais estava eu. E de 13 de maio (não se perca pelo simbolismo!) de 1988 até o dia 01 de janeiro de 1989, quando minha família já se havia mudado para Garça, fui organizando, com registros cotidianos, o agora livro "Diário de Capa Verde".

Meu "Diário de Capa Verde" guardou esse nome por terem sido anotados, linha a linha, dia a dia, numa Agenda de capa verde adquirida na Avenida Paulista, conforme iam acontecendo, a demissão dos líderes da ATF, sua reação através do advogado Luiz Greenhaldt, a reação da categoria, as dificuldades dos primeiros tempos sem salário, o apelo a ajuda externa da PUC e de Deputados

como Eduardo Suplicy, e o retorno vitorioso por ordem judicial a uma sala da Secretaria de Estado do Bem-Estar, onde nos foi possível criar nosso Sindicato.

Eis aí como a vida se transforma em literatura nas minhas principais obras em prosa, especialmente as que retratam o ambiente de trabalho. Não é, porém, apenas o ambiente de trabalho a me inspirar obras literárias, como se viu no livro "Iniciação de um Menino Tímido" baseado na crise moral de minha adolescência. Vou mais longe: na prosa ainda, os pequenos contos de "Divagações de Ulisses" e "Variações sobre o mesmo tema" retratam pequenos episódios da vida na cidade, acontecidos comigo ou ouvidos de outros cidadãos.

E com relação à poesia - pode perguntar o leitor - acontece a mesma coisa? Muitos de meus poemas das grandes séries de livros "Travessia" ou "Poemas para meu Povo" escondem em sua maioria aspectos autobiográficos que talvez diminuam a qualidade literária tanto dos livros em prosa, quanto dos de poesia, mas que proclamam por sua vez, em alto e bom som, meu grito desesperado no deserto da vida. Como se a literatura ajudasse a transfigurar a vida individual para servir de inspiração a cidadãos leitores da comunidade.



(*) Letterio Santoro, 77 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO, CRÔNICA DO CIDADÃO... Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Sonhe como se fosse
viver para sempre;
viva como se fosse
morrer amanhã.



FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 - Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>



Rosa, rosae, rosae, rosam, rosa, rosa..., lembram-se? Eram as primeiras aulas de latim no nosso Seminário. No meu caso, era o ano de 1950 e eu estava começando o ginásio. O convívio com os seminaristas das séries mais avançadas esbanjava o uso de expressões latinas -além do latim da missa, é claro- como parte do aprendizado da nossa língua mater.

Errando discitur, por exemplo, é parte da literatura oral e, portanto, integrava o linguajar corrente entre todos nós. O uso constante dessa expressão foi herdada pelo contato direto com os padres professores, seja em sala de aula, seja nos recreios, seja em momentos de treinamento cultural.

Errando discitur -errando se aprende, em italiano sbagliando s' impara- uma espécie de fórmula mágica que se empregava para a gente ir em frente, sem desânimo, nas mais diversas oportunidades em que o seminarista dava um "bola-fora". "Coragem, errando discitur", dizia-me o Pe. Kulay após tremenda batatada na aula de química e que provocava muita gozação dos meus colegas de classe. Também, pudera; não entrava no meu cérebro aquele negócio de NaCl, o tal cloreto de sódio, se transformar em sal de cozinha, hoje o inimigo nº 1 dos cardiologistas. Ser tratado desse jeito, o errante -no caso, eu- não se sentia humilhado.

Daí para outras ocasiões, como, por exemplo, no voleibol ou no futebol. Como tinha "esportistas" sem noção! A cada tremenda "furada", não desista; errando discitur, dizíamos. Claro que com o passar do tempo tal "estímulo" perdeu sua força, banalizou; acabava virando deboche, porque a turma sabia que certos colegas não iriam aprender nunca.

Neste ponto desta crônica, você poderá se perguntar: "Mas, a troco de quê toda essa narrativa de

sabor saudosista?"

A troco do que aconteceu na última edição do nosso Echus do Ibaté, nº 147, janeiro/fevereiro-2017. Essa edição publicou um artigo do colega Antonio Jurandyr Amadi resgatando a origem da valsinha "Ave Maria" cuja letra eu citei na minha crônica de Natal com o título: "Ave, cheia de graça, é Natal". Então, ao ler a matéria do Jurandyr, intitulada **EROTHIDES DE CAMPOS**, dei de cara com a seguinte observação proveniente da "redação" do nosso pasquim, deste jeito, *ipsis litteris*:

"No artigo AVE, CHEIA DE GRAÇA, É NATAL", de autoria do ibateano ATTILIO BRUNACCI (49/55), publicado na edição nº 146 do ECHUS DO IBATÉ, é mencionado que a canção AVE MARIA é de autoria de AUGUSTO CALHEIROS. ANTONIO JURANDYR AMADI (51/57), porém, relata no artigo abaixo o verdadeiro autor da canção e explica os detalhes de sua origem".



EROTHIDES DE CAMPOS

Diante dessa pertinente observação, confesso: erravi et didici. Errei e aprendi (io ò sbagliato e imparato...) que Erothides de Campos era o autor dessa melancólica valsinha; Augusto Calheiros, citado por mim, foi apenas um dos seus intérpretes. Aprendi também o contexto histórico em que se inspirou o melancólico compositor.

Esse foi o meu último erro? Claro que não. Levo em conta que, cada vez que eu erro, aprendo. Afinal, tenho muito que aprender; daí que vou continuar errando e continuar aprendendo, principalmente com a ajuda dos meus amigos ibateanos que devem colocar-me no caminho da verdade, do bem e da justiça. Ainda vou virar doutor às custas dos meus erros.

Ao colega Jurandyr, os meus agradecimentos. Valeu. É isso aí! (em latim: est hoc ibi!)

(*) Attilio Brunacci, 80 (49/55) Educador e Consultor Ambiental na área de Desenvolvimento Comunitário. Graduado em Filosofia e Teologia. Autor dos livros: "Grazie Tante", autobiografia, "São Paulo na Frente pelo Trabalho" e "Cetesb": 25 anos". Exerceu o sacerdócio no período de 1962 a 1970. atiliobrunacci@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

O "Sub tuum" do moleque

Joaquim Benedicto de Oliveira*



"Sub tuum praesidium"... O dia acabou, a oração das "Completas" terminou e a fila da garotada se postou rumando para o dormitório. A jornada foi de aula pela manhã, futebol depois do almoço e muito estudo à tarde e à noite. Hora agora de descansar, de dormir e de sonhar...com quem mesmo? Com quem sonha um moleque? Eu sonhava com uma garota que cantava comigo a música brega do "Quero beijar-te as mãos, minha querida". Morria de vergonha de assim fazer, porque, afinal, não podia mais sonhar com meninas. Mas como era sonho, nunca pensei em confessar ao padre Pascoal Amato. Sonhava sob o respaldo atenuante da mãe. Justificado! E dizia dentro de mim: bênça, mãe.

"Confugimus"...em conjunto pedíamos refúgio, implorávamos asilo e conchego. Aquela súplica de meninos, que se sentiam unidos numa fraternidade que se queria perdurável vida afora, era a prece de filhos, pedindo a bênção materna antes de deitar. E repetíamos o "confugimus", insistindo para que a mãe nos acolhesse sob sua salvaguarda, como o fazia o Monsenhor João Bueno. Era a confirmação da proteção mariana a gente poder se esconder debaixo do enorme ponche do Monsenhor. Bênça, mãe.

"Sancta Dei Genitrix"...santa mãe de Deus...theotókos...Podia mesmo ser mãe nossa? Sentido figurado, criadora? Podia ser mesmo protetora? Sentido adaptado, raptado por devoção? Não era súplica de teólogos que saberiam explicar que a mãe, no caso, era só de Jesus. O moleque entendia que era sua mãe também. E a blindagem que pedia, era de mãe mesmo, ora. Moleque não pode ser teólogo. Quero dormir em paz. Então: bênça, mãe.

"Nostras deprecationes ne despicias"... Súplicas... nossas... e minhas, é claro. Que pediria o moleque? Sem dúvida, que não fosse suspenso de piscina. Seria a maior humilhação, seria a ocasião para chorar pela proibição...afinal estava indo pra cama, lugar quentinho...Não desprezeis, ó mãe, não desdenheis,

não desvieis os olhos de sobre mim...E meus pedidos de moleque não eram os mais ortodoxos. Queria crescer mais um pouco pra poder jogar vôlei...Bênça, mãe.

"in necessitatibus nostris" ...necessidades de moleque...Huum! Quanto suspirei pelo bife especial do colega que sofria do coração...Que necessidade!...o arroz com feijão estava também no meu prato, caramba! E eu ainda não era cardíaco. Mas...precisão de moleque...tinha futuro. O colega já morreu e o cardíaco hoje sou eu. E agora, com o coração na mão, peço: bênça, mãe.

"sed a periculis cunctis libera nos semper"...todos os perigos. Ser reprovado em matemática? Livrou. Ser chamado de punção no futebol?

Livrou. Da cobra lá perto da piscina? Livrou. Viajar até Sorocaba pra exame de vista? Não livrou. Miopia chegou logo. Talvez tenha engasgado na hora do "cunctis" ou me distraído, ou tropeçado no meu companheiro da frente na fila. Sei lá, moleque bate cabeça de sono nas horas mais indiscretas... Mas, sob sua égide, repetia: bênça, mãe.

"Virgo gloriosa et benedicta". Gloriosa

e abençoada...Que coisa! Nunca associei o benedicta ao meu benedicto. Distração de moleque que perdurou a vida inteira. Descobri agora e talvez por isso, entrando abençoadamente nos oitenta, eu deixei de ser moleque. Quem sabe? Já passou da hora! Em todo o caso, bênça, mãe.

A verdade é que a oração era muito bela mas o moleque não sabia que ela era a mais antiga prece mariana, a primeira grande reza dirigida a Maria e que "viralizou" no século III. (250 d C). Trata-se de um papiro copto descoberto no Egito, no original grego. E que se encontra na Universidade de Manchester, na Inglaterra. Confesso que, até hoje, nunca deixei de rezar o Sub Tuum antes de dormir. E toda noite volto a ser moleque. E, mais do que nunca, ainda peço: bênça, mãe!

VII

S Ub tu- um præ- sí- di- um confú- gimus, * sancta

De- i Gé-nitrix: nostras depre-ca-ti- ónes ne despí- ci- as

in neccessi- tá- tibus: sed a per- í- cu- lis cunctis lí- be- ra

nos semper, Virgo glo- ri- ó- sa et be- ne- dí- cta.

(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 79 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP joka.oliveira@uol.com.br

A BORBOLETA AZUL (Maculinea Alcon): O SONHO

Paulo Oliveira Leite Gonçalves*



Paulo Oliveira escreveu este texto em 20 de novembro de 2011. É interessante observarmos que no referido texto, ele como se fosse num sonho, previamente, se despede da vida, entregando-se ao PAI, num extremoso ATO de FÉ e de CONFIANÇA. Também, podemos notar como o Seminário marcou a sua vida, sendo evocado por ele, nesse adeus final. Este texto foi-nos enviado pelo colega João Francisco de Brito Ramalho (60/62)

Tiro por mim. Penso que todas as gerações que passaram pelo Seminário durante os quase 25 anos de sua existência, naquele prédio construído em forma de colchete, arraigado ao chão, bem no topo da colina, deslumbraram-se com o encanto do voo da grande Borboleta Azul. Vinha ela do lado dos morros e num balanceio cadenciado e majestoso, como rainha em seu manto azul, desfilava sua graça até desaparecer em meio à folhagem do bosque o qual se estendia da escharpa da colina até bem junto da piscina. Eu disse que era azul; um azul tão lindo e peculiar que me leva a crer jamais ter algum pintor conseguido replicá-lo.

Era meu desejo de menino moço estender a mão para que ela pousasse e pudesse eu, por horas, contemplar calado aquela beleza sem igual e, só depois, estender de novo a mão com aquela joia para que a mesma prosseguisse o rumo de seu destino. Qual era? Na verdade, tratava-se de um voo nupcial, pois, no bosque outra borboleta da mesma espécie, levada pelo feromônio, se aproximava e, após breve entendimento ditado pela natureza, asas sobre asas, corpo sobre corpo, acontecesse mais uma fecundação da espécie, vivenciando uma estória, sabe lá Deus, de quantos milênios!

Na hora aprazada pela própria natureza, a borboleta, parecendo displicente, deixa que seus ovos caiam ao léu e ao vento sobre a folhagem seca do chão onde a brisa as revolve deixando que o pequenino ovo entre em contato com a terra. Seria isto o abortamento de um destino? De forma nenhuma! Aí é que começa uma estória de veras curiosa. A vida ajuda a vida. No frenesi do vaivém das formigas no chão, uma delas reconhecendo no ovo o mesmo odor de sua colônia, recolhe-o, então, com toda a cautela e o conduz para dentro do seu berçário, depositando-o ao lado dos ovos de sua rainha. Ele é bem diferente, mas, o feromônio igual faz com que seja admitido como um elemento a mais da família. As operárias cuidam dele tanto quanto dos outros ovos. Dali, sai uma pequena larva alimentada sem cessar pelas operárias. Ela cresce e no momento certo rompe-se a crosta da larva já adulta. Dali sai um novo ser, nem formiga nem ainda borboleta que, como figura estranha, as formigas tentam em vão abatê-la, o que não conseguem. Vai então a mesma à busca da luz ao fim do túnel, bastante molhada, até encontrar um ponto seguro em que possa secar-se ao sol, desdobrar suas asas e levantar aquele voo majestoso e lindo que encanta sempre a quem o pode contemplar.

O menino moço, agora septuagenário, viaja em sonho até o antigo e belo casarão do Seminário. Sou eu. Subo devagar e emocionado os degraus da escada, encontro abertas as portas

da Capela e, pé ante pé, me aproximo do altar com o Sacrário agora aberto. Vejo seu interior recamado com os mais nobres tecidos, pontilhados de ouro, recobrando a parede rugosa da parte interna do mármore. Tangido de emoção intensa, lembro-me que um dia, vários alunos quiseram escrever nas paredes do Sacrário alguma pequena oração votiva que ficasse ao lado, para sempre, da Âmbula ou da Píxide, pedindo ao Redentor Eucaristia por sua própria intenção. Lembro-me, tão bem, que ali deixei a lápis o pedido: "Fac ut quondam sim Sacerdos tuus!"

Surpreendo-me então com os olhos e o rosto umedecidos, sem saber bem dizer qual a razão. Faço uma prece do fundo de meu peito. Com as mãos mesmo enxugo os olhos e o

rosto, ergo a cabeça e vejo no alto a imagem da Virgem para quem todos os dias, em coro uníssono, cantávamos o "Sub tuum praesidium". Digo desta vez alguma coisa como filho reverente e agradecido. Jogo-lhe um beijo e digo: "Mãe, até loguinho. Loguinho mesmo!" Desço devagar e procuro o mesmo antigo proscênio onde assistia por vezes sem conta o majestoso voo da borboleta azul.

Volto-me para o lado do Saboó, perenemente ali postado com a silhueta inconfundível de um monge com seu burel. Em voo rápido atinjo a cúspide do monte e de lá contemplo bem ao longe, bem pequenino, o

Seminário sobre a colina. Estendo para ele as duas mãos, abanando-as como em forma de adeus e digo: "Obrigado, Seminário, por tudo o que você me deu. Obrigado também por tudo o que fui e sou". Levo as duas mãos à boca e mando a ele um beijo.

E então, como um casulo que se rompe, como quem decide e vai, lanço meu salto decidido e forte para o infinito do meu norte e, ao fim, pousar na eternidade dos braços do PAI!



PAULO OLIVEIRA E JOÃO RAMALHO

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves (49/54) faleceu no dia 19.02.2017

Uma pitadinha de

Literatura



Cláudio Giordano é ex-aluno do Ibaté, lá esteve entre 1951 e 1957. Contava com 11 anos de idade quando foi admitido e não demorou muito para que se revelasse não um leitor comum, mas verdadeiramente um grande devorador de livros, isso mesmo, talvez o maior deles dentre todos os alunos que por lá passaram. Já fez de tudo nessa vida e para saber um pouco mais a seu respeito, veja os artigos a ele referidos nos Echus de números 05, 31, 43, 63 e 80 e tantas outros em que se discorre um pouco sobre suas várias atividades: é escritor, tradutor e editor. Fundador e diretor presidente da Oficina do Livro 'Rubens Borba de Moraes', durante seguidos anos, - associação em que se dedicou à reedição de preciosas raridades e também a manter vivas as obras de autores mundialmente pouco conhecidos - entusiasmou-se bastante com o convite que lhe fizemos para participar intensamente deste jornal através da contribuição de seus próprios escritos e para apresentar-nos outras obras de sua gigantesca coleção, importantes de serem divulgadas no meio cultural.

Convidado fomos para apresentar sempre que possível uma crônica neste jornal. Como não somos escritor e há no passado um mundo sem fim de coisas bonitas e esquecidas, valendo-nos do acervo da biblioteca da Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, damos início a essa distração literária, inicialmente prestando homenagem, pela pena do notável poeta e não menor prosista, Olavo Bilac, a Júlio Verne..

Cláudio Giordano

JÚLIO VERNE Olavo Bilac -do livro Ironia e Piedade-1907

Há poucas semanas, indo à Biblioteca Nacional reunir material de trabalho, fiquei sentado em frente a um mocinho imberbe e pálido, que devorava com os olhos e com a alma as páginas do livro que pedira.

Quando cheguei, já ele estava no fim do volume; e, a cada página voltada, uma vibração nova, de ansiedade, de supremo gozo intelectual, de infinito encanto de espírito, agitava a sua face de adolescente, sob a claridade crua da lâmpada elétrica. Os seus olhos, num movimento febril, iam do começo ao fim de cada linha, voando; os seus dedos torturavam a quina da folha, dobrando-a; uma ruga funda se lhe cavava na testa; e toda a sua cabeça palpitava no esforço da atenção. Havia, naquela atitude, um prazer tão agudo que já era sofrimento. Aquela alma inocente, de menino de treze anos, atravessava a crise de uma dessas tensões intelectuais, que já não são dadas a quem chega à idade madura tendo abusado da inteligência...

As últimas folhas do livro foram lidas em poucos minutos. Quando a última linha morreu sob o flamejamento dos olhos ávidos, houve na face do leitor um afrouxamento súbito da força vital – um como alívio misturado de tristeza – alívio de quem se liberta de repente

de um grande peso, tristeza de quem vê findar um sonho esfalfante e ao mesmo tempo suave. O mocinho ficou algum tempo imóvel, fixando na capa do volume um olhar indeciso e flutuante – um desses olhares "que olham para dentro"; – depois, levantou-se, teve um espreguiçamento de todo o corpo, e saiu, lentamente, como ainda embalado pela última vaga da fantasia em que se perdera.

Curioso, ergui-me do meu lugar, e apanhei o livro, que ficara sobre a tábua da mesa. Era a Viagem à roda da lua de Júlio Verne.

Oh! a saudade, a deliciosa e dolorosa saudade que então me apertou o coração! saudade dos meus treze anos, da minha inquieta e sofredora puberdade, agitada de sonhos que ninguém compreendia, de distrações que ninguém perdoava, de súbitos acessos de fervor de estudo e de preguiça, e das vagas torturas de uma imaginação que acordava e não se entendia a si mesma...

Agora, no lugar que estava vazio diante de mim, naquele lugar há pouco ocupado pelo leitor da Viagem à roda da lua – estava eu ainda vendo um mocinho pálido e nervoso, sonhando e sofrendo. Era o mesmo de há pouco? Era e não era... Era o símbolo de uma idade: era um desdobraimento de mim mesmo, era eu mesmo, era a



OLAVO BILAC

minha pessoa recuada até a adolescência.

Que são os homens todos, nesta vida sempre vária e sempre imutável, senão formas diversas de uma mesma essência? Nós somos os espectros de outros homens: aquele velho que ali vem, coberto de cabelos brancos, vai, na escala das agonias e das esperanças, ser continuado e prolongado por aquele menino que passa por ele sem o ver, sem suspeitar que acaba de acotovelar a sua própria personalidade futura.

Quantas vezes, também, como aquele menino que saíra da sala da Biblioteca e ali gozara e sofrera tanto com a leitura de Júlio Verne — quantas vezes também, eu devi a esse grande encantador de almas o consolo único dos meus sofrimentos de criança!

Júlio Verne era um criador de mundos novos que se rasgavam ante o meu espírito inquieto.

Como eu era criança, como ninguém sabia esclarecer a minha alma, como não havia quem me explicasse a vida, este mundo em que eu vivia só me parecia hostil e cruel. As injustiças que eu sofria — essas pequeninas injustiças que assombram a alma da criança e ficam eternamente doendo na alma do homem — tomavam um vulto exagerado, e afiguravam-se-me tremendas e monstruosas. Havia dias em que eu me considerava mais desgraçado do que os escravos, que via algemados e espancados, e do que os burros de carga, que encontrava na rua, ofegando sob as chicotadas. A minha puberdade (como a puberdade de quase todos os homens) foi um tecido de inquietações, de revoltas, de desesperos. E, para mim, esta vida era uma coisa torpe, um cativo ignóbil e torturante, em que tudo era severo e duro, e sobre o qual pairava ameaçadora, numa eterna inclemência, a sombra da negra palmatória do cônego Belmonte, meu mestre...

Graças, porém, a Júlio Verne, eu fugia, num surto vitorioso, deste mundo que me aborrecia, e entrava, cantando, vestido de luz, sorrindo, delirando, nos mundos radiantes que a sua piedade abria à minha imaginação.

No colégio, todos nós líamos Júlio Verne; os livros passavam de mão em mão; e, à hora do estudo, no vasto salão de paredes nuas e tristes — enquanto o cônego dormia a sesta na sua vasta poltrona, e enquanto o bedel, que era charadista, passeava distraidamente entre as carteiras, combinando enigmas e logogrifos — nós mergulávamos naquele infinito páramo do Sonho, e encarnávamo-nos nas personagens aventureiras que o romancista dispersava, arrebatados por uma sede insaciável de perigos e de glórias, pela terra, pelos mares e pelo céu.

Oh! os homens e as coisas que vi, as paisagens que contemplei, os riscos que corri, os amores que tive, os sustos que curti, os combates em que entrei, os hinos de vitória que cantei e as lágrimas de derrota que chorei — viajando com Júlio Verne, conduzido pela sua mão sobre-humana!

Quase morri de frio no pólo, de fome numa ilha deserta, de sede na árida solidão do centro da África, de falta de ar no fundo da terra, de deslumbramento na proximidade da lua!

Atravessei areais amarelos e infinitos, beijei com os olhos oásis esplêndidos, dormi à sombra das tamareiras da Síria e à sombra dos pagodes da Índia, contemplei o lençol intérmino das águas dos grandes rios, cacei tigres e

crocodilos na Ásia e na África, arpoei baleias no mar alto, perdi-me em florestas virgens, naveguei no fundo do mar entre vegetações fantásticas e animais imensos, ouvi o estrondo da queda do Niágara, enjoei com o balanço de um balão no meio do céu formigante de astros, e quase fui comido vivo pelos Peles Vermelhas!...

E, quando os meus olhos pousavam sobre a última linha de um desses romances, quando eu me via de novo no salão morrinhento e lúgubre, quando ouvia de novo o ressonar do cônego e as passadas do bedel charadista — havia em mim aquela mesma súbita descarga de força nervosa, aquele mesmo afrouxamento repentino da vida, aquele mesmo alívio misturado de tristeza, a que, há poucas semanas, na sala da Biblioteca Nacional vi sucumbido o rapazola que lia a Viagem à roda da lua.

Era o regresso à triste realidade, à tábua dos logaritmos, à gramática latina, à palmatória do cônego, às charadas do bedel. Era o desmoronamento dos mundos, o eclipse dos sóis, a ruína dos astros: era o pano de boca que descia sobre o palco da ilusão, matando a fantasia e ressuscitando o sofrimento...

Nós todos, homens feitos ou já velhos, lendo a notícia da morte de Júlio Verne, sentimos que morreu o maior amigo e o maior benfeitor da nossa adolescência.

Nesta mesma hora em que escrevo, quantas almas ardentes, na encantada e melindrosa revora da existência, estarão embebidas na leitura dos livros desse grande apóstolo da estrelada e consoladora mentira!

Há quem diga que a glória maior do talento de Júlio Verne consiste em haver vaticinado, sob a forma de sonhos, alguns sucessos e algumas conquistas que a ciência mais tarde realizou. Pode ser!... Mas, pensando bem, considero quanto seria preferível que todos esses sonhos permanecessem no estado de sonhos — e que Nansen nunca chegasse ao pólo, e os submarinos franceses não tornassem exequível a utopia do e Santos Dumont não chegasse a aperfeiçoar o balão em que o alegre Joe atravessou a África...

O que eu venero e amo no homem que acaba de morrer, não é o seu papel de precursor e de profeta: é o seu papel de en-feitiçador e consolador de almas, de fecundador de

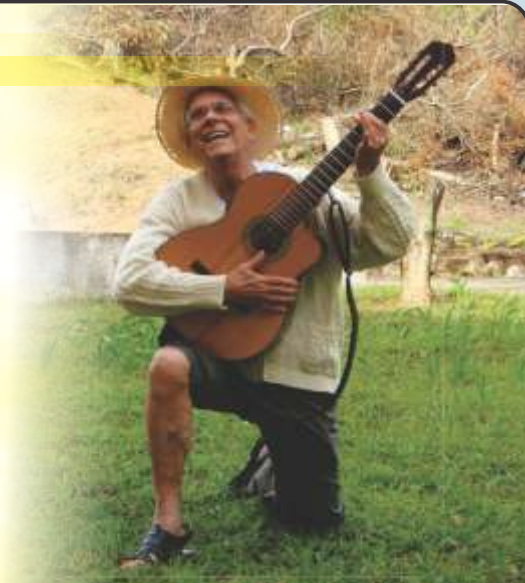
imaginações. Sobre os espíritos juvenis, a leitura de Júlio Verne tem a ação do sol sobre a terra: aquece as sementes que dormem, reforça dentro delas a vida, prepara-as para a germinação vitoriosa.

Todas as puberdades são tristes... Dir-se-ia que, ao chegar a essa idade perigosa, a criança tem uma antevisão e uma pré-sensação do que vai sofrer na vida: como que a sua alma se recolhe, hesitante, numa angústia vaga, numa timidez doentia, procurando alguma coisa que a proteja e console. Nessa crise do corpo e da alma, é preciso que o cérebro receba uma excitação saudável, que lhe ative a germinação da força criadora. A razão virá depois: nessa idade, o que precisa de desenvolvimento é a imaginação.

O que mais desenvolveu a minha imaginação e o que consolou as vagas e indefinidas tristezas da minha adolescência foi a leitura de Júlio Verne. Todos os homens da minha idade dirão o mesmo. E, daqui a anos, quando eu e os homens da minha idade já tivermos também entrado o escuro caminho por onde Júlio Verne penetrou na paz — outros homens dirão o mesmo, e abençoarão o nome desse criador de mundos maravilhosos.



PARÓQUIA DAS TROVAS



GUERRA

A Guerra não leva a nada
pelo flagelo que traz,
mais vale a paz desejada,
nunca a contenda falaz.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Toda guerra tem os lados
da defesa e da agressão.
Neles sempre há culpados...
Inocentes nunca são!

PAZ

Paz é criança dormindo
um passarinho a cantar,
um barco à vela partindo,
nas ondas mansas do mar.

Ser feliz não custa nada
E o processo é eficaz:
seja honesto na jornada
e com Deus esteja em paz.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

A guerra é a destruição
de terras e sentimentos
perde-se a paz e a razão
gera dor e sofrimentos.

Paz não é ausência de guerra
é harmonia com critério
é ação a favor da terra
e não paz de cemitério.

Alfredo Barbieri (49/53)

Quem sabe...nos cromossomos?!?!?
Sempre em guerra... assim vivemos.
Todos nós por ela somos;
todos por ela seremos.

Tudo ao grande amor, farás.
Fim de um caminho tristonho.
Teu mundo agora é só paz!
Juras, promessas... Que sonho!!!

Antonio Carlos Correa-Careca (64/67)

Ah! se um dia num jazigo
Pudesse eu ler: "Aqui jaz
A guerra! Foi-se o perigo!
A Terra descansa em Paz!"...

Quem, da morte, engenhos faz
e, por gana, a guerra incita,
não pode pregar a Paz,
pois na paz não acredita!

Jaime Pina da Silveira (52/58)

**Envie-nos você também a sua trova
PRÓXIMO ECHUS, TEMA LIVRE PRÁ TODO MUNDO**

TEMA LIVRE

Quer viajar pelo universo
e viver grande emoção?
Abra um livro e fique imerso
num mundo de sonho e ação.

Um pouquinho de ciúme
só faz bem ao coração
como discreto perfume
alimentando a paixão.

Foi José, o carpinteiro,
o bondoso pai de Jesus;
trabalhava com o madeiro,
porém, nunca fez a cruz.

Alfredo Barbieri (49/53)

Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo (53/58)

Uma tarde na clínica



Luiz Loureiro*

O gordo, entalado entre o banquinho e o balcão de granito, matava-se com a bomba enfiada na boca. De chocolate. Uma tortinha de morango, já engatilhada, aguardava sua vez sobre a pedra.

A lanchonete da clínica ficava ao lado da recepção. No sofá de alvenaria, sobre a almofada estampada com florões de mau gosto, jazia o exame de colesterol do gordo, cujas taxas indecentes prenunciavam sua iminente explosão coronária. Mas isso em nada o preocupava e, enquanto esperava ser chamado, o primeiro bocado de morangos já explodia na boca do incauto.

Na recepção, as paredes repletas de quadros mais floridos que as almofadas do sofá faziam companhia a telas de natureza tão morta quanto a criatividade do pintor. Pendurada entre os quadros, a TV vomitava um programa de auditório sobre as velhinhas, extasiadas como beatas em frente ao oratório. O velho meio surdo resmungava algo incompreensível para sua acompanhante, loura falsa de vinte e poucos anos, que não tirava os olhos do garotão malhado, bota de gesso, esparramado no sofá da frente. A balzaquiana, apertada num manequim um número menor do que o seu, desfilava entre o sofá e o bebedouro e retocava a maquiagem a cada cinco minutos. O almofadinha, com cara de empáfia, fingia entender



a revista em inglês e, de vez em quando, com os óculos na ponta do nariz, jogava um olhar blasé sobre a plebe ignara. E, claro, não poderia faltar o garoto pentelho falando alto e correndo pela sala, sem que sua mãe perua esboçasse qualquer sinal de que iria admoestá-lo.

Com a senha na mão, todos aguardavam a estridente enfermeira chamar a próxima vítima e, invariavelmente, acordar o velhinho resmungão que cochilava quando não estava resmungando.

Na vez do gordo, a esposa foi chamada na lanchonete. As toneladas se levantaram com muito esforço. A calça, enfiada no rego, foi puxada delicadamente e as nádegas balouçantes sumiram pela porta do consultório que, nascida branca, agora ostentava um halo de sujeira em volta da maçaneta.

Meia hora depois, eis que surge o gordo saindo do consultório com cara de sofrimento. A esposa se desespera ao vê-lo com o peito manchado de vermelho:

-O que é isso? O que foi que aconteceu? Por que você tá sangrando?

-Não foi nada, não... É que quando o doutor me chamou, coloquei o resto da tortinha de morango no bolso da camisa.

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 67 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

Photantiqua A FELICIDADE NO TOPO DO MORRO SABOÓ!!!



01. Sebastião Campanaro; 02. Estanislau Maria de Freitas; 04. Ivo Mazieiro; 05. Décio Pereira; 06. Thomas Gomide; 07. Sebastião Vicente da Silva; 10. José Antônio Neto; 11. João Bosco da Silva; 19. Emil Von Pinho.

Fotografia batida em 1959. Gentilmente cedida pelo ibateano Dr. Getulino do Espírito Santo Maciel. São 58 anos! Acreditem se quiser: a quantidade de amigos consultados para a identificação dos 21 meninos mostrou-se maior que o número de identificados... ainda assim com muitas hesitações. Que pena! Nada mal se reforçássemos nas doses de Gymkgo Biloba... Ah!, o bife de fígado - coragem! a viscera maldita - em nossas refeições também é muito bom. Lembram? Peixes... aqueles bichinhos que há nos rios, nos lagos, nos oceanos. É bom. Tem bastante fosfato. Faz bem!

CASO EDIFICANTE

José Lui*



QUE DÚVIDA.....

O médico pergunta ao paciente...

-Mas o que você prefere, ter parkinson ou Alzimer ???

Ai o paciente depois de ter pensado um pouco...

-Parkinson dotô

Médico:

-Mas por que ???

Paciente:

-Ah! dotô, porque prefiro derramar metade da pinga do que esquecer onde guardei a garrafa !!!

AMOR SEM LIMITES

Um pai espera com ansiedade o nascimento do seu 1º filho e a obstetra:

- Infelizmente seu filho nasceu sem os braços.

Ao que o pai responde:

- Não importa, o amarei assim mesmo.

- Nasceu também sem as pernas.

- Ei de amá-lo assim mesmo, afinal é meu filho.

- Mas nasceu sem o tronco.

- O amarei assim mesmo.

- Veja, infelizmente veio sem a cabeça.

- Será amado do mesmo modo.

Enfim a obstetra muito constrangida disse:

- Ele nasceu somente com esta orelha.

Ao que o pai responde:

- Oh! meu filho, ei de amá-lo por toda a minha vida.

- Sim, mas fale o mais perto possível, porque é surdo!

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Dom José Maria Pinheiro (51/57) - Amigo e irmão Mosca. Acabei de enviar 300,62 reais como você sugeriu. Me confirme se recebeu. Pedi ao meu mano enviar pelo Banco o depósito. Farei todo o possível para estar no Encontro no Ibaté. Para mim o mês de agosto é meio complicado, pois agosto é o mês de férias na Europa e todo mundo viaja, inclusive os seis padres de Pontoise. Eu fico "tomando conta" da Paróquia. Em setembro eles voltam e eu tiro as minhas férias. Vou ver se consigo sair daqui pelo dia 24 de agosto. Por enquanto não dá para ver. Tenho muita vontade de participar do Encontro. O grupo do Ibaté mantém-se unido e vivo graças ao teu empenho e de outros colegas amigos que te circundam. Muito

obrigado por todo esforço de vocês, que sei que não é fácil; mas vale a pena. Obrigado por tudo. Até "breve" se Deus quiser. Pontoise (França), 03.02.2017 djmp70@gmail.com

De José Eustáquio Rodrigues da Costa (59) - Paz e bem! Estava em Caraguá com a esposa. Agradeço imensamente pela lembrança de meu aniversário. Uma das melhores coisas que Deus fez na minha vida, foi ter passado um tempo dela com estes amigos maravilhosos do Ibaté. Vale a pena fazer parte deste elenco. Mogi das Cruzes-SP, 01.03.2017 jtaco@bol.com.br

AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:
ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP

NA CASA DO PAI

É com pesar que comunicamos o falecimento no dia 19 de fevereiro do colega ibateano PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES (49/54). Completou 80 anos em janeiro e estava, atualmente, residindo nos Estados Unidos.

Paulo ordenou-se sacerdote em dezembro de 1961. Exerceu o sacerdócio até 1970/1971. Além do Ibaté e do Seminário Central do Ipiranga, frequentou o Seminarinho do Mons. João Pavésio, que era um antigo Seminário Preparatório para se ingressar no Ibaté.

Era licenciado em Filosofia e Teologia, Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga pela USP, Tradutor Público Juramentado no Estado de Goiás (Francês e Italiano), foi Professor na Universidade Federal de Goiás, onde também exerceu a função de Chefe de Gabinete do Reitor.

Autor dos livros: Cristo e a Contestação Política: Relacionamento de Cristo com o Partido Zelota, Editora Vozes 1974 e tradução do Italiano do livro "Il Príncipe" de Nicollò Maquiavel, político italiano, AB Editora, 1998.

Dentre as inúmeras mensagens recebidas a respeito da morte do amigo e colega Paulo, destacamos:

De Darcy Casagrande (49/54) - Apresento à Família do Paulo Oliveira Leite Gonçalves os meus mais sentidos pêsames. O Paulo estudou comigo no Seminário do Ibaté e me deixa muita recordação pelos seus dotes intelectuais que já o predispunha a ter a carreira brilhante conforme esta descrita na nota de falecimento. Toda a família Ibateana está de luto e eleva a Deus fervorosas preces para que Deus o recolha na sua glória.

De Pe. Luiz Virtuoso (62/63) - Requiem aeterna dona eis Domini, et lux perpetua luceat eis, Requiescant in pace. Amém.

De Alfredo Barbieri (49/53) - Grande Paulo, companheiro desde os primórdios de S. Roque, sempre muito sábio, disponível, alegre. Na Casa do Pai é mais um intercessor.

De Asdrubal Baruffaldi (49/53) - O Paulo foi um admirável mestre da cultura, o que sempre demonstrou como estudante. Sua amizade respeitosa e sincera não irá prescindir de nossa eterna lembrança.

De Hermínio Bernasconi (54/60) Seminário do Ipiranga - Wilson, que noticia ruim, éramos amigos desde o Ipiranga. COMPANHEIRO GENTIL e sempre sorridente. Uma grande figura. Que Deus o acolha e o guarde pela eternidade. Amém.

De José Moreira de Souza (55/59) - Cada vez que recebo uma notícia dessas me entristeço profundamente. A gente fica cada vez mais obrigado a dizer "Presente" em nossos encontros bienais. "Mane sempre nobiscum, Paulo Oliveira!"

De Antonio Carlos Correa (64/67) - A falta que ele nos faz. Oliveira, aquele garoto inteligente e sensível. Grande contador de histórias. Memória fabulosa. Sorriso estimulante e comunicativo. Coração generoso. Viva sempre em nosso espírito.

De Anibal Poty (49/53) - e saber que o Paulo era um irmão para mim. Fomos colegas desde os tempos do Seminarinho do Monsenhor Pavésio (47/48). Um golpe tremendo essa partida do ilustre Penseroso. Fui seu colega ibateano de 1949 a 1953. Menino muito bom. Requiescat in pace, meu irmão!

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Estou consternado com a notícia do passamento do nosso colega PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES. Que o Deus de amor e de toda consolação conceda a ele o descanso eterno! Passei a conhecê-lo, através de comentários a ele dirigidos sobre os seus magníficos artigos escritos no Echus do Ibaté. Ficamos amigos no Encontro de 2013, em São Roque. Levei nessa oportunidade, um livro de Leonardo Boff: Francisco de Assis e Francisco de Roma para dar a Corazza, como este me disse que já o possuía, eu ofereci a Paulo Oliveira. Conversamos muito nessa ocasião. Ao retornar a Salvador, recebi, via Sedex, como agradecimento, dois livros, um de sua autoria: Rumos da Universidade Brasileira e O Príncipe de Machiavelli, sob a sua competente e apurada tradução. Apesar da sua elevada cultura e incontestável valor, ele evidenciava, no seu relacionamento conosco, ser uma pessoa simples e de possuir um exemplar espírito de humildade. Paulo Oliveira era um grande colaborador do Echus. Presença constante nos Encontros de São Roque e ardoroso incentivador desses eventos. Podemos constatar isso, no Vídeo de Lembranças de São Roque - Ibaté, 2013, de sua autoria. Já no final da produção, com emocionante prece que ele pronuncia na Capela do Seminário, dando um recado, sobre o "Último Protocolo" - convoca o último ex-seminarista sobrevivente a celebrar o Encontro em São Roque, com preces e saudando os demais colegas que já habitam na Casa do Pai. Tenhamos a certeza que Deus já acolheu, sob a proteção de Maria, esse nosso colega, verdadeiro ícone do Seminário de São Roque!

De Paulo Francisco Toschi (49/53) - Uma perda irreparável a morte do Paulo Oliveira Leite Gonçalves. Homem de inteligência brilhante, culto, escritor de preciosidades, um santo, ao meu ver. Gostaria de saber mais sobre os motivos de seu falecimento. Desde quando estava nos Estados Unidos? Que pena. E só agora ficamos sabendo?



PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733



X



em ITATIBA

Novamente somos convidados pelo casal amigo, ROVIRSO APARECIDO BOLDO (64/69) e OKSANA DZIURA, para mais um dia de delícias e conagração no santuário futebolístico dos amigos do Seminário de São Roque. Galo de Ouro e Leão de São Marcos se enfrentam novamente, revivendo as tardes ensolaradas dos domingos dos tempos do Ibaté. Futebol, churrasco e efusivo convívio fraternal. Será dia 20 de maio próximo, um sábado, a partir das 9:00 horas. Legal! Se você nunca apareceu por lá, não é agora que vai perder, de novo, esta oportunidade!! Sempre um dia de sol, os amigos ali, a tranquilidade de horas inesquecíveis, distante dos flagelos e poluição do cotidiano. Um oásis no deserto desta perversa correria. Você pode vir acompanhado, e cada um levará a munção de alimentos e bebidas que for consumir. Maiô, biquíni e short: há uma bela piscina. Ah, não se esqueça, vá preparado para disputar torneio de espiribol! Tudo isso é encontrado no Condomínio Itaambu, em Itatiba. Na altura de Jundiá, indo pela Rod.Bandeirantes ou Anhanguera, procure sinalizações para Itatiba. Chegando em Itatiba, vá em direção a Bragança Paulista. Após passar sob o viaduto, que é a Rod.D.Pedro I, ande mais uns 3 km e, entre à esquerda (há sistema adequado de retorno pela pista da esquerda) tão logo aviste um posto de gasolina. Damos como referência o Shopping Moenda. Desça uma estradinha asfaltada, de 2 km, até o condomínio. Lá se identifique: sou do Ibaté e terá as portas abertas. Até lá!!!

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.03.2017

POSIÇÃO EM 31.01.2017	10.976,25
ENTRADAS	
Contribuições e doações	5.069,73
Juros	121,31
TOTAL ENTRADAS	5,191,04
SAÍDAS	
Antecipação Seminário-2	300,00
Despesas Correios	39,65
Despesas Bancárias	48,75
TOTAL SAÍDAS	388,40
SALDO ATUAL 31.03.2017	15.778,89
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2017 a 31.03.2017, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa, Antonio da Aparecida Simões Cúcio, Antonio de Lima, Antonio Martini, Antonio Orzari, Attilio Brunacci, Celso Guidugli, Francisco Fierro, Holien Gonçalves Bezerra, Horácio José de Sousa, Isidoro da Silva Leite, João Bosco Amstalden, José Écio Pereira da Costa Junior, José Eustáquio Rodrigues da Costa, José Fernandes da Silva, José Gomes Pinheiro, José Justo da Silva, José Luiz Mariano Gomide, Dom José Maria Pinheiro, José Novaes, José Ricardo Falcão, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz Gonzaga Cruz, Luiz João Corrar, Luiz Roberto Soares, Roberto Delgado de Carvalho, Sergio Alexandre Fioravanti, Vicente de Paulo Moraes, Walmir da Silva Gomes, Wilson Cândido Cruz e Wilson Mosca. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alberto Pimenta de Oliveira-Pipinudo, Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Attilio Brunacci, Claudio Giordano, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Letterio Santoro, Luiz Loureiro, Pe.Otto Dana e Paulo Oliveira Leite Gonçalves.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

• E-mail : echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com
• Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
• E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com

• "Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
• Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
• Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
• Comunidade IBATEANOS no Facebook
• Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

Diagramação: Conexão Propaganda (11) 4063-9081

